

Winnicott – Seminários Brasileiros contém 54 capítulos escritos por autores de diversas cidades brasileiras e do exterior. Suas elaborações teóricas e clínicas, derivadas da psicanálise, a genial contribuição de Sigmund Freud, incorporam as contribuições de Donald Winnicott e de outros autores do Grupo Independente (Middle Group) da Sociedade Britânica de Psicanálise. Os autores participam dos “Seminários Winnicott” espaços de encontro e discussão, não institucionalizados, coordenados por J. Outeiral.

Adriana Carminati
Afrânio de Matos
Alba Maria Benito
Alfredo Paineira
Ana Cristina Gomes
Ana Delia Levin
Angela May
Anna Lucia Melgaço
Carla Maria Lima
Charles Lang
Clarissa Medeiros
Cleon Cerezer
Cynthia Peiter
Daniela Castelan
Denise Regina Disaró
Eliana Aparecida Pintor
Elisabete Accardo
Eloisa Helena Celeri
Gisele Gressler
Glória Heloise Perez
Isabel Cristina Gomes
Isadora Severo Garcia
Jaqueline Soares Magalhães Maio

José Outeiral
Júlio de Mello Filho
Lilian Seoldo
Lucia Helena Moretti
Luiza Moura
M. Lucia Paiva
Magda Beatriz Costa
Márcia Campos
Márcia Laguna
Maria Cecília Pereira
Maria Cristina Gil
Maria de Fátima Junqueira
Maria Elizabeth Barreto
Maria Helena Badra
Maria Inês Aubert
Maria Lucia Galletti
Maria Luiza Amaral
Maria Mercedes Samudio
Maria Teresa Nogueira
Maria Vitória Mamede
Maricy Corazza Bechara
Marilou Manzini-Covre
Marta Maria Caramuru

Martha Hueb
Mirian Elizabeth Dorta
Nadia Telles Gonçalves
Neyza Prochet
Nilce Badaró
Olga Ceciliato
Pablo Daniel Abadi
Raquel de Goldstein
Regina Murat
Rita Helena Gabriades
Rodrigo Espírito Santo
Rosana Francé
Sandra Tschirner
Sandra Maria Araújo
Sonia Abadi
Sueli Hisada
Tânia Aiello-Vaisberg
Tânia Maria Vaisberg
Tereza Maria Costa Lima
Theobaldo Oliveira Thomaz
Vera Resende
Walter José Migliorini

CASA PSICOLOGO
Tel (11) 3034-3600



9788573099225

OUTEIRAL, JOSÉ
WINNICOTT SEMINÁRIOS BR
PSICANÁLISE

ISBN 85-7309-922-4



9788573099225

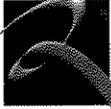
José Outeiral • Sueli Hisada • Rita Gabriades • Afrânio Ferreira
Organizadores

WINNICOTT – Seminários Brasileiros

WINNICOTT

Seminários Brasileiros

José Outeiral • Sueli Hisada
Rita Gabriades • Afrânio Ferreira
Organizadores



REVINTER

WINNICOTT

Seminários Brasileiros

José Outeiral

Médico • Psiquiatra • Psicanalista
Membro da TPP e da SBPRJ
Full Member da Associação Psicanalítica Internacional

Sueli Hisada

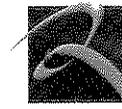
Psicóloga • Psicanalista
Doutora em Psicologia pela USP

Rita Helena Cucê Nobre Gabriades

Psicoterapeuta com Base Psicanalítica Formada pelo Instituto Sedes Sapientiae
Mestrado em Educação
Professora e Coordenadora de Psicologia da Universidade Paulista/UNIP

Afrânio de Matos Ferreira

Psicólogo • Psicanalista
Membro, Professor e Supervisor no
Departamento de Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae, SP
Co-Coordenador do Espaço Potencial do ISS e do curso
"Um Percurso na Obra de Winnicott"



REVINTER

Winnicott – Seminários Brasileiros
Copyright © 2005 by Livraria e Editora Revinter Ltda.

ISBN 85-7309-922-4

Todos os direitos reservados.
É expressamente proibida a reprodução
deste livro, no seu todo ou em parte,
por quaisquer meios, sem o consentimento
por escrito da Editora.

DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado a
Luis Enrique Prego-Silva, *in memoriam*

A precisão das indicações, as reações adversas e as relações de dosagem para as drogas citadas nesta obra podem sofrer alterações.
Solicitamos que o leitor reveja a farmacologia dos medicamentos aqui mencionados.
A responsabilidade civil e criminal, perante terceiros e perante a Editora Revinter, sobre o conteúdo total desta obra, incluindo as ilustrações e autorizações/créditos correspondentes, é do(s) autor(es) da mesma.

Livraria e Editora REVINTER Ltda.
Rua do Matoso, 170 – Tijuca
20270-131 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2563-9700 – Fax: (21) 2563-9701
livraria@revinter.com.br – www.revinter.com.br

ROSANA FRANCÉ

Psicóloga

SANDRA C. TSCHIRNER

Psicóloga

Doutora em Saúde Mental pela UNICAMP

SANDRA MARIA BACCARA ARAÚJO

Psicóloga

Psicoterapeuta de Crianças e Adolescentes

Terapeuta Familiar

Professora do UniCEUB

Doutoranda pela UNB

SONIA ABADI

Psicanalista

Membro Titular da APA, Buenos Aires

SUELI HISADA

Psicóloga

Psicanalista

Doutora em Psicologia pela USP

TÂNIA AIELLO-VAISBERG

Professora Livre-Docente do

Instituto de Psicologia da USP

Presidente do NEW – Núcleo de Estudos

Winnicottianos de São Paulo

TEREZA MARIA SALLES DA COSTA LIMA

Psicóloga

Psicanalista

THEOBALDO OLIVEIRA THOMAZ

Médico-Psiquiatra

Psicanalista

VERA DA ROCHA RESENDE

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP

Orientadora do Programa de Mestrado em

Psicologia e Sociedade – Linha de Pesquisa: Infância e

Realidade Brasileira – da UNESP/Assis, SP

WALTER JOSÉ MARTINS MIGLIORINI

Doutor em Psicologia Clínica

Docente do Departamento de Psicologia da

Educação – UNESP Araraquara

SUMÁRIO

PARTE I

ENSAIOS PSICANALÍTICOS

- 1 RABISCOS COM GREEN 3
Sueli Hisada • José Outeiral
- 2 WINNICOTT E MELANIE KLEIN: ENCONTROS E DESENCONTROS,
CONCORDÂNCIAS E DISCORDÂNCIAS 6
Júlio de Mello Filho
- 3 EL PAPEL DEL ESPEJO EN LACAN, EL ROSTRO ANIMADO DE LA MADRE COMO
ESPEJO EN WINNICOTT 18
Alfredo J. Paineira
- 4 LA ANGUSTIA REVISITADA. 23
Pablo Daniel Abadi
- 5 O PAI EM WINNICOTT E EM LACAN 29
Charles Lang
- 6 LA AMISTAD – ENTRE LA DESILUSIÓN Y LA NOSTALGIA: PARA UNA
METAPSICOLOGÍA DE LA AMISTAD 51
Raquel Z. de Goldstein
- 7 PROYECTO ANALÍTICO – EL LUGAR DE LAS PROBLEMÁTICAS 58
Ana Delia Levín de Said
- 8 LA CURA EN FERENCZI Y WINNICOTT – DE LA PASIÓN TERAPÉUTICA A LA AUDACIA TÉCNICA . . . 64
Sonia Abadi
- 9 SOBRE SONHOS E TRANSICIONALIDADE 70
José Outeiral • Maria Cristina Gil Auge

PARTE II

ESPAÇO POTENCIAL

- 10 SOBRE O INAPARENTE, NA ARTE 79
Theobaldo Oliveira Thomaz
- 11 A RELIGIOSIDADE HUMANA E A CLÍNICA WINNICOTTIANA 84
Maria Inês Aubert
- 12 ESPAÇO TRANSICIONAL – ÁREA NÃO OBSERVÁVEL OU O CAMPO DO SENTIR 93
Anna Lucia Melgaço Leal Silva

13 EXPLORANDO A LITERATURA – UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO/ APRENDIZAGEM DA PSICANÁLISE II	98
<i>Regina Murat • Lílian Seoldo de Castro • Rodrigo Espírito Santo Garcez</i>	
14 OBESIDADE, COMPULSÃO ALIMENTAR E EMAGRECIMENTO – ÁLBUM DE FAMÍLIA	105
<i>Glória Heloíse Perez</i>	
15 ANOTAÇÕES SOBRE UMA CONVIVÊNCIA.	113
<i>Carlota Maria Oswald Zilberleib</i>	
16 A CULTURA, A RELIGIÃO, O SAGRADO E A ARTE NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE – UMA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA.	124
<i>Martha Franco Diniz Hueb</i>	
17 IDOSOS E A PSICANÁLISE.	129
<i>Nadia Telles Sposito Gonçalves</i>	

PARTE III

SELF

18 BUDAPESTE – EM BUSCA DE UM VERDADEIRO “SELF”	141
<i>Angela May • Cynthia Peiter</i>	
19 INFÂNCIA ROUBADA	148
<i>Luiza Moura</i>	
20 O OLHAR QUE REFLETE O OUTRO – A FUNÇÃO DO ESPELHO COM UM GRUPO DE TERCEIRA IDADE	162
<i>Adriana Carminati Queiroz Santos</i>	
21 FALSO “SELF”, TENTATIVA DE SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA E O TRABALHO DO NEGATIVO – ROMPENDO A CASCA PARA VIR A SER... PALOMA	167
<i>Marta Maria Fontenele e Silva Caramuru</i>	

PARTE IV

BRINCAR

22 O VIVER CRIATIVO E O PROCESSO CLÍNICO – CONTRIBUIÇÕES DOS PERSONAGENS ATUAIS DA MAGIA	189
<i>Nílce Badaró de Campos Martins • Rita Helena Cucê Nobre Gabriades</i>	
23 SER E FAZER: ENCONTROS BRINCANTES NA ARTETERAPIA WINNICOTTIANA	194
<i>Tânia Maria José Aiello Vaisberg</i>	
24 HORA DA HISTÓRIA – TRANSICIONALIDADE E ESPAÇO POTENCIAL NO ESPAÇO INSTITUCIONAL	199
<i>Márcia Laguna de Oliveira</i>	
25 A CONSTITUIÇÃO DO SER ATRAVÉS DA ARTE	204
<i>Tereza Maria Salles da Costa Lima • Elisabete Rossini Accardo</i>	
26 BRINCANDO NO HOSPITAL – UMA POSSIBILIDADE DE ENCONTRO.	209
<i>Márcia Campos de Oliveira • Olga Ceciliato Mattioli</i>	

PARTE V

COLAPSO – ANGÚSTIAS IMPENSÁVEIS

27 SOU SINGULAR NO PLURAL. CONSIDERAÇÕES SOBRE “O MEDO DO COLAPSO”	225
<i>Afrânio de Matos Ferreira</i>	
28 OS FENÔMENOS TRANSGERACIONAIS E A CLÍNICA	231
<i>Maria Cecília Pereira da Silva</i>	
29 DO COLAPSO AO MOSAICO DE CAIM.	243
<i>Maricy Corazza Tango Bechara</i>	

PARTE VI

AGRESSIVIDADE E INTRUSÃO

30 A PULSÃO DE MORTE E SEUS DERIVATIVOS	249
<i>Maria Lucia Galletti • Rosana Francé • Sandra C. Tschirner</i>	
31 A TRANSMISSÃO DO NEGATIVO NA CONSTITUIÇÃO DO VÍNCULO CONJUGAL – UM CASO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	254
<i>Isabel Cristina Gomes • M. Lucia de Souza Campos Paiva • Daniela Forner Castelan</i>	
32 ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR PARA ALÉM DA SEXUALIDADE: PROPOSTA DE UM NOVO OLHAR SOB A PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE WINNICOTTIANA	260
<i>Jaqueline Soares Magalhães Maio</i>	
33 SOBREVIVENDO ÀS ADVERSIDADES: – TENTATIVA DE ARTICULAÇÃO ENTRE RESILIÊNCIA E WINNICOTT.	268
<i>Isadora Severo Garcia • Maria Vitória Mamede Maia</i>	
34 PODE ALGUÉM COMER SEU PRÓPRIO BOLO E CONTINUAR A POSSUÍ-LO? REFLEXÕES SOBRE A AGRESSIVIDADE DA INFÂNCIA A PARTIR DO OLHAR DE WINNICOTT	279
<i>Maria Vitória Mamede Maia</i>	
35 O DESTINO DAS PULSÕES AGRESSIVAS	288
<i>Mirian Elizabeth Perandrea Dorta</i>	

PARTE VII

ADOLESCÊNCIA

36 HISTÓRIAS FAMILIARES MÍTICAS, DESIDENTIFICAÇÕES E LIMITE DO ANALISTA.	297
<i>Marilou Manzini-Covre</i>	
37 AS SINUOSIDADES NO PERCURSO DA ADOLESCÊNCIA NAS CURVAS DA ESTRADA DE SANTOS	309
<i>Cleon dos Santos Cerezer</i>	
38 CONSIDERAÇÕES SOBRE IDENTIFICAÇÃO E DESIDENTIFICAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA EM SITUAÇÃO DE DESAMPARO SOCIAL	313
<i>Magda Beatriz Martins Costa</i>	
39 CHEGANDO NA ENCRUZILHADA	318
<i>Neyza Prochet</i>	
40 A DEFESA MANÍACA E A POSIÇÃO DEPRESSIVA NO PROCESSO DA ADOLESCÊNCIA	323
<i>Carla Maria Lima Braga</i>	

PARTE VIII
FUNÇÃO MATERNA E PATERNA

- 41 O PEDIATRA "SUFICIENTEMENTE BOM" – UMA PEQUENA VIAGEM PELA TEORIA DE DONALD W. WINNICOTT: PONTE POSSÍVEL ENTRE PROFISSIONAIS INTERESSADOS EM IR PARA ALÉM DO SINTOMA 333
Ana Cristina Gomes Bueno • Maria Helena Badra Maaz • Maria Teresa Nogueira
- 42 OS BEBÊS E SUAS MÃES HOJE 342
Gisele Gressler
- 43 REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE OBSERVAÇÃO DA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ 347
Alba M. R. Sewaybricker Benito
- 44 A FUNÇÃO PATERNA E A TRANSGRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA. 353
Sandra Maria Baccara Araújo
- 45 EM DEFESA DA SOBREVIVÊNCIA PSÍQUICA EM UTI PEDIÁTRICA 361
Vera da Rocha Resende • Denise Regina Disaró Carlesso
- 46 A PROFESSORA SUFICIENTEMENTE BOA 372
Maria Elizabeth Barreto de Pinho Tavares
- 47 RECOMENDAÇÕES AOS PAIS – COMO TORNAR AGRAVÁVEL A RELAÇÃO COM OS FILHOS . . 382
Lucia Helena Tiosso Moretti

PARTE IX
SETTING

- 48 ILUSÃO-DESILUSÃO E ESPAÇO POTENCIAL NO MANEJO DO "SETTING" EM UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE 391
Eliana Aparecida da Silva Pintor
- 49 CRISTAL E O RISO – REFLEXÕES SOBRE A DISSOCIAÇÃO E A INTERVENÇÃO NA PSICOTERAPIA COM UMA ADOLESCENTE. 399
Clarissa Medeiros • Tânia Aiello-Vaisberg
- 50 A ALTERAÇÃO DO "SETTING" – O RESGATE DO VÍNCULO. 405
Maria Luiza Stersi Amaral
- 51 UM PROCEDIMENTO PARA A ENTREVISTA INICIAL COM CRIANÇAS 411
Walter José Martins Migliorini
- 52 AS ANGÚSTIAS IMPENSÁVEIS E O MANEJO TÉCNICO NA CLÍNICA – UM ESTUDO DE CASO . . 420
Maria Mercedes Samudio Santos
- 53 O AMBIENTE NA (Re) ESTRUTURAÇÃO DO INDIVÍDUO 429
Maria de Fátima de Amorim Junqueira
- 54 EXISTIRIA O EQUIVALENTE AO INSTINTO DE MORTE NO PENSAMENTO DE WINNICOTT? ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE SER, NÃO-SER E SOLIDÃO ESSENCIAL 434
Eloisa Helena Rubello Valler Celeri • José Outeiral
- ÍNDICE REMISSIVO 441

PARTE I
ENSAIOS
PSICANALÍTICOS

"A psicanálise, gradativamente, começou a invadir as experiências de crianças mais jovens, explorou os conflitos existentes dentro da psique e desenvolveu os conceitos abrangidos por palavras e humorés, bem como as perseguições oriundas de dentro e de fora."

Winnicott, 1969

SER E FAZER – ENCONTROS BRINCANTES NA ARTETERAPIA WINNICOTTIANA

Tânia Maria José Aiello Vaisberg¹

Aqueles que freqüentam o texto winnicottiano conhecem tanto sua riqueza quanto abertura, que convidam à apropriação pessoal e ao uso do “objeto” teoria a partir de uma perspectiva não submissa (Vaisberg, 1999). Sem buscar a palavra final que, com pretensão à totalização sistêmica, colocar-se-ia, antes de mais nada, como tentativa de silenciar o outro, a contribuição teórica de D.W. Winnicott apresenta-se como algo a ser criado/encontrado pelo leitor, que pode, deste modo, assimilar criativamente o que ali está, em seus próprios termos. Assim sendo, não deve causar admiração o fato de ser possível inspirar-se na psicanálise winnicottiana do *self* para propor e investigar uma clínica diferenciada, que se quer fecunda ao lidar com sofrimento emocional gerado pelas condições da vida contemporânea, que, em países como o nosso, é dramaticamente acentuado pela vigência de desigualdades sociais marcantes.

Winnicott (1962) assumiu, com toda clareza, que é possível seguir sendo psicanalista mesmo que se pratique uma clínica fora do dispositivo padrão inventado por Freud para tratamento individual do neurótico. Chegou a generosamente compartilhar com seus leitores narrativas de experiências vividas num enquadre diferenciado, que denominou consulta terapêutica, as quais não deixam dúvida acerca de quanto era tributário de um percurso profissional plenamente inserido no movimento maior que é a psicanálise. Entretanto, não chegou a teorizar suficientemente acerca das condições de possibilidade de seguir sendo psicanalista quando se trabalha fora do *setting* tradicional, ainda que tenha deixado algumas pistas preciosas, que podem orientar nosso pensamento. A mais importante delas, a meu ver, é a própria conceituação da psicoterapia como superposição de áreas de brincar, que nos permite pensar o *setting* como campo lúdico. Pode-se, pois, conceber que diferentes tipos de enquadres psicoterapêuticos compartilhem entre si o fato de se constituírem como “espaços-tempos”² capazes de alojar um brincar.

Tendo estudado detidamente o brincar, como elemento da cultura, o filósofo Huizinga (1938) – que rebate a espécie humana trocando o adjetivo *sapiens* por *ludens* – formula o interessante conceito de “mundo temporário”, que nos pode ser útil na busca de compreensão das condições de possibilidade de transferência do conhecimento psicanalítico desde o dispositivo padrão para outros enquadres:

“Todo jogo se processa e existe no interior de um campo previamente delimitado, de maneira material ou imaginária, deliberada ou espontânea. Tal como não há diferença formal entre o jogo e o culto, do mesmo modo o ‘lugar sagrado’ não pode ser formalmente distinguido do terreno de jogo. A

1. São Paulo.

2. De passagem, quero observar que muitos psicanalistas pensam a questão do enquadre desde um ponto de vista fundamentalmente normativo e contratual. A meu ver, o ponto fundamental não consiste na combinação do local, horário, honorários e interrupções programadas etc., e sim no fato destes acordos sustentarem o estabelecimento deste “espaço-tempo” capaz de albergar a brincadeira ou um trabalho psicoterapêutico que visa a tornar a brincadeira possível.

arena, a mesa de jogo, o círculo mágico, o templo, o palco, a tela, o campo de tênis, o tribunal etc. têm todos a forma e a função de terrenos de jogo, isto é, lugares proibidos, isolados, fechados, sagrados, em cujo interior se respeitam determinadas regras. Todos eles são mundos temporários dentro do mundo habitual, dedicados à prática de uma atividade especial”

Huizinga, 1938

Nesta linha, parece-nos interessante considerar o estabelecimento do enquadre em termos de delimitação de um mundo temporário, no qual uma atividade humana especial, a psicoterapia, pode ter lugar, exatamente por compartilhar, com outras atividades, tais como a arte e a religião, um caráter originariamente lúdico. Evidentemente, os diferentes mundos temporários, ainda que constituídos sempre por movimentos de separação em relação ao cotidiano, podem ser muito diversos entre si, mais ou menos abertos para o acolhimento de manifestações expressivas. O campo do jogo de pontos – que tanto abrange o esporte quanto outros tipos de competição, tais como os jogos de azar – contempla uma faixa de necessidades mais estreita do que aquela que pode se presentificar nos cultos ou no campo das artes. Eventualmente, perceberemos uma gradação, do menos ao mais complexo, desde o jogo de pontos até os mundos artísticos. Similarmente, o mundo brincante da psicoterapia psicanalítica, que inclui tanto o dispositivo padrão como enquadres diferenciados, apresenta-se como “espaço-tempo” maximamente acolhedor de vários “brincantes” pelos quais se expressam dramáticas vinculares diversas. Além disso, pode também albergar pacientes que ainda não tenham alcançado a capacidade de brincar, os quais serão sustentados por um terapeuta devotado ao favorecimento desta conquista desenvolvimental.

Concebendo, pois, todo enquadre clínico como forma especial de mundo temporário, creio ser possível iniciar uma apresentação das oficinas psicoterapêuticas de criação Ser e Fazer, serviço de atendimento psicológico, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em que praticamos arteterapia sob inspiração winnicottiana. Tal proposta gestou-se ao longo de um percurso fundamentalmente comprometido com a procura de práticas que pudessem ser simultaneamente fecundas, desde o ponto de vista do favorecimento de experiências mutativas e inclusivas; vale dizer, capazes de receber pacientes mais internamente comprometidos ao lado de outros que estejam enfrentando problemas desde uma organização pessoal mais preservada.

Inicialmente, pensamos a proposta de oficinas psicoterapêuticas desde um ponto de vista que adotava o jogo winnicottiano do rabisco como paradigma. Deste modo, pudemos, cultivando uma fidelidade ao espírito da proposta, realizar uma transposição de sua configuração desde o âmbito de uma sessão individual para uma oficina psicoterapêutica. Pode ser útil lembrar aqui alguns trechos que têm auxiliado clínicos no conhecimento desta sensível forma de trabalho:

“Em um momento adequado após a chegada do paciente, geralmente após pedir ao genitor que o acompanha para ir para a sala de espera, digo à criança: ‘Vamos jogar alguma coisa. Sei o que gostaria de jogar e vou lhe mostrar.’ Há uma mesa entre a criança e eu, com papel e dois lápis. Primeiro apanho um pouco de papel e rasgo as folhas ao meio, dando a impressão de que o que estamos fazendo não é freneticamente importante, e então começo a explicar. Digo: ‘Este jogo que gosto de jogar não tem regras. Pego apenas o meu lápis e faço assim...’ e provavelmente aperto os olhos e faço um rabisco às cegas. Prossigo com a explicação e digo: ‘Mostre-me se se parece com alguma coisa a você ou se pode transformá-lo em algo; depois, faça o mesmo comigo e verei se posso fazer algo como seu rabisco.’” (Winnicott, 1964)

O leitor recebe, ainda, o seguinte esclarecimento:

“Isto é tudo o que existe a título de técnica, e tem-se de enfatizar que sou totalmente flexível mesmo neste estágio muito inicial, de maneira que se a criança

quer desenhar, ou conversar, ou brincar com brinquedos, ou fazer música ou traquinagens, fico livre para adaptar-me aos desejos dela.” (Winnicott, 1964)

Na verdade, um aspecto essencial deste jogo está precisamente ligado ao fato de ser pensado desde uma perspectiva clínica que não abandona o campo da intersubjetividade, implodindo, numa prática viva, o uso de modelos objetivantes:

“A diferença entre isso e um TAT é, primeiro, que não se trata de um teste, e, segundo, que o terapeuta contribui com sua própria engenhosidade quase tanto quanto a criança o faz. Naturalmente, a contribuição do terapeuta é abandonada, por ser a criança e não ele quem está comunicando a aflição. O fato de o terapeuta jogar livremente sua própria parte na troca de desejos, certamente tem grande importância para o sucesso da técnica; um procedimento desse tipo não faz o paciente sentir-se inferior por nenhuma maneira, tal como, por exemplo, um paciente se sente quando está sendo examinado por um médico a respeito da saúde física, ou, com frequência, quando lhe é aplicado um teste psicológico, especialmente um teste de personalidade.” (Winnicott, 1964)

A meu ver, não se trata de enfatizar apenas o que ocorre num registro comportamental, vale dizer, que o terapeuta também desenhe, mas sim o fato deste se colocar como presença viva – e não apenas como sujeito pensante – num campo relacional que tem, no outro pólo, um indivíduo, que não é reduzido a uma condição reificada.

A partir deste paradigma inspirador, temos pensado o uso de materialidades mediadoras, num primeiro momento, como jogo do rabisco, concebendo oficinas realizadas com flores-rabisco, lâ-rabisco, tinta-rabisco, papel-rabisco, parafina-rabisco e outras. Há, pois, uma ligação “amadora” entre cada psicoterapeuta e a materialidade, que é apresentada ao paciente como um suporte para a realização de brincadeiras pessoalmente apreciadas.

Numa segunda abordagem, que não contradiz a primeira, a materialidade-rabisco é pensada em termos de apresentação de objeto, que cada paciente poderá viver segundo suas condições de amadurecimento emocional. Sabemos que o seio apresentado pode ser criado/encontrado como objeto subjetivo e que o gesto da criatividade primária concorre para integração e personalização, pelas quais se caminha no sentido da constituição de um “me” que se discrimina do que é “not-me”. A mesma materialidade pode ser transicionalmente vivida por aqueles pacientes que têm desenvolvida sua capacidade de brincar, conservando, como sabemos, uma sanidade que se funda num alicerce inescapavelmente louco e onipotente.

Desde um terceiro recorte, entretanto, a oficina psicoterapêutica é concebida, enquanto enquadre diferenciado, como mundo temporário destinado, de modo geral a diferentes brincarões pelos quais se expressam dramáticas de vida. Por outro lado, no que diz respeito às necessidades daqueles que ainda não conquistaram a capacidade de brincar, o enquadre serve para um acontecer humano específico, que pode bem ser precisamente designado pela expressão “personalização/realização transicional” (Vaisberg, 2004). Pensando algumas experiências clínicas marcantes, ocorridas durante atendimento de pacientes mais comprometidos à luz tanto da psicopatologia winnicottiana – vale dizer, sobre a original teoria do sofrimento humano passível de ser captada na obra de D. W. Winnicott – e das narrativas clínicas de M. Séchère, pudemos perceber a especificidade deste trabalho que designamos como “personalização/realização transicional”.

Esta autora (Séchère, 1954) empenhou-se em divulgar tanto a experiência instigante que viveu durante uma tentativa bem sucedida de tratamento da jovem Renée, que havida sido diagnosticada como esquizofrênica, como uma teoria explicativa deste processo, chegando a cunhar uma expressão que veio a ser bastante conhecida: “realização simbólica”. O relato clínico evidencia que esta psicoterapia atingiu níveis profundos de regressão, que permitiram a vivência dos

delicados processos pelos quais se fazem possíveis a constituição do si mesmo. No conhecido “milagres das maçãs”, a paciente pode, pela primeira vez em sua vida, experimentar, com o auxílio das frutas, a criação/encontro onipotente do seio, gesto inaugural da criatividade primária. Winnicott conhecia o trabalho de Séchère e chegou a mencioná-lo rapidamente algumas vezes. No contexto de um artigo dedicado ao destino do objeto transicional, aborda a transição do objeto subjetivo para o transicional nos seguintes termos:³

“Outro tipo de transição tem a ver com a mudança de um objeto – que é subjetivo para o bebê – para outro, que é objetivamente percebido ou externo. A princípio qualquer objeto que conquiste um relacionamento com o bebê é criado por este, ou pelo menos, esta é uma teoria sobre o assunto que tem a minha adesão. Assemelha-se a uma alucinação. Faz-se um pouco de trapaça e um objeto que se encontra à mão sobrepõe-se parcialmente a uma alucinação. Obviamente, a maneira como a mãe ou o substituto dela se comporta é de importância suprema aqui. Uma mãe é boa e outra é má em deixarem um objeto real ficar exatamente onde o bebê está alucinando um objeto, de maneira que, na realidade, a criança fica com a ilusão de que o mundo pode ser criado e de que o que é criado é o mundo. Neste ponto vocês estarão pensando no termo realização simbólica, de Mme. Séchère, no tornar real o símbolo, apenas que, desde nosso ponto de vista, trata da primeiríssima infância, estamos pensando em tornar real a alucinação. Isto, com efeito, dá início à capacidade que o bebê tem de utilizar símbolos, e, onde o crescimento é constante, o objeto transicional é o primeiro símbolo. Aqui o símbolo é, ao mesmo tempo, tanto a alucinação quanto uma parte objetivamente percebida da realidade externa”. (Winnicott, 1959)

Percebe-se, aí, que Winnicott faz uma crítica relativa ao modo como Séchère explica a experiência relatada, atribuindo uma sofisticada capacidade de simbolização à sua paciente regredida. Evidentemente, não há como negar que, em algum registro dissociado – vale dizer, enquanto aquisição intelectual do falso self –, algo da ordem de uma equação simbólica possa ter estado efetivamente em jogo durante o atendimento de Renée. Entretanto, à luz do pensamento winnicottiano da transicionalidade, é possível compreender que as maçãs são fundamentais não apenas porque representam o seio mas também por existirem concretamente, terem forma, cheiro, gosto, consistência, cor... O próprio Winnicott retoma este assunto rapidamente, quando escreve uma resenha sobre um trabalho em que Harold Searles defende a tese de reconhecimento da importância do ambiente em si mesmo, e não apenas como “projeção” ou “projeção de introjeções”:

“Searles dedicou um livro inteiro, e um livro muito interessante, a este tema do relacionamento do homem com o meio-ambiente não-humano – com o cão como cão, independentemente do seu simbolismo, e com o mundo físico separadamente de seu significado como mãe ou como um lugar de receber projeções. Poder-se-ia talvez dizer que quando Séchère deu aquela maçã àquela menina naquele momento particular (realização simbólica), Searles chama a nossa atenção para o fato da maçã, que, presumivelmente, achava-se apropriadamente madura, e também para o pomar donde as maçãs provêm, e para o acesso de Séchère aos produtos dos pomares, e assim por diante”. (Winnicott, 1963)

3. Chamo a atenção do leitor para o fato de Winnicott descrever neste trecho a experiência da mamada teórica usando a idéia de alucinação, o que já pressupõe a constituição de um espaço psíquico. Não vamos nos deter, neste momento, numa discussão pormenorizada sobre este ponto, mas apenas assinalar que é questionável, à luz do conjunto da obra winnicottiana, até que ponto já se pode falar em espaço psíquico durante o processo de constituição do self na primeiríssima infância.

Vemos, pois, que a prática, descoberta/inventada conjuntamente por Séchéraye e sua paciente, poderia ter sido melhor compreendida à luz do conceito de fenômenos e objetos transicionais e é desde esta perspectiva que deve, a meu ver, ser revisitada. A autora lidou com necessidades fundamentais, que a psicanálise winnicottiana do *self* esclarece, mas pensa-as como desejos reprimidos, que pedem realização “simbólica” – e não concreta e direta – exatamente por gerarem culpa. Outra será nossa visão se considerarmos que o importante percurso, a ser cumprido desde uma posição existencialmente indiferenciada, onde predominam os objetos subjetivos, até a conquista da experiência da alteridade e exterioridade do mundo, onde é possível o uso do objeto, passando por um estágio presidido pela transicionalidade. O objeto transicional representa o seio mas não é um objeto interno e sim uma possessão, que não está nem sob controle mágico e onipotente, nem fora de controle, como a mãe real.

Vale aqui lembrar:

“A unicidade inicial do estágio que precede a separação, pelo bebê, entre mãe e self, aquilo que aparece na enfermidade psicótica como uma fusão, é uma unicidade, não com uma pessoa nem, tampouco, com um objeto; trata-se de uma unicidade com o meio ambiente não-humano ou, como eu gostaria de chamá-lo, um meio ambiente não projetivo.” (Winnicott, 1963)

Temos, hoje, condição de afirmar que aquilo que foi designado como realização simbólica poderia ser mais precisamente referido como personalização/realização transicional, sendo este um processo a ser facilitado no contexto da arteterapia winnicottiana, no que diz respeito aos pacientes com necessidades mais regredidas. Os outros também se beneficiam de um “ser e fazer” brincante pelo qual se restabelece ou se fortalece um contato mais integrado com o *self* verdadeiro, o que, sem dúvida, favorecerá a gestualidade espontânea. Afinal, as difíceis condições de vida no mundo contemporâneo já não permitem pensar que a conquista de um posicionamento existencial – que permita sentir-se vivo, real e capaz de ação criativa e transformadora do mundo – possa ser conquistado de uma vez por sempre pelos bebês afortunados...

BIBLIOGRAFIA

- Huizinga J. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1938/1996.
- Séchéraye M. *Introduction à une Psychothérapie des Schizophrènes*. Paris: PUF, 1954/1988.
- Vaisberg TMJA. Os enquadres diferenciados e a personalização/ realização transicional. In: TMJA, FF. *Ambrósio Caderno Ser de Fazer: O Brincar*. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004.
- Vaisberg TMJA. O uso do objeto teoria. In: *Ser e Fazer: Enquadres Diferenciados na Clínica Winnicottiana*. São Paulo, Idéias e Letras, 1999/2004.
- Winnicott DW. O desaparecimento do objeto transicional. In: Winnicott C, Shepherd R, Davis M. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1959/1994.
- Winnicott DW. Os objetivos do tratamento psicanalítico. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1962/1984.
- Winnicott DW. O valor da consulta terapêutica. In: Winnicott C, Shepherd R, Davis M. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1964/1994.
- Winnicott DW, Harold F. Searles: resenha do the-non-human environment in normal development and in schizophrenia. In: Winnicott C, Shepherd R, Davis M. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1963/1994.

HORA DA HISTÓRIA – TRANSICIONALIDADE E ESPAÇO POTENCIAL NO ESPAÇO INSTITUCIONAL

Márcia Laguna de Oliveira¹

RESUMO

Para Winnicott a relação mãe/bebê inicialmente é indiferenciada. A criação da mãe pelo bebê depende de uma relação satisfatória. Esta experiência de ilusão torna possível o contato entre o eu e o não eu e garantirá criar um objeto subjetivo e no futuro viver criativamente. A unidade do indivíduo não se restringe ao contato entre o psiquismo e o meio ambiente, inclui uma terceira área, a área das experiências transicionais. Espaço de imaginação e simbolização. Neste trabalho nos propomos relatar a experiência compartilhada com crianças entre 7 e 11 anos, que freqüentaram a oficina *Hora da História*, da Escola Municipal de Iniciação Artística. Durante um semestre nos encontramos semanalmente, durante uma hora, para contar e ouvir histórias, que também desenhamos, reinventamos, transformamos. Um espaço de brincadeira, jogo e criação. Um espaço potencial.

*“Era uma vez três
Dois polacos e um francês...”*

No antigo Parque da Conceição existem três casas e na Casa 3 foi fundada em 1980 a Escola Municipal de Iniciação Artística – EMIA. Esta escola oferece aulas de música, teatro, artes plásticas e dança para crianças de 5 a 12 anos. Oferece, também, atividades paralelas em forma de oficinas com duração de um ou dois semestres, nas quais os alunos e crianças da comunidade podem se inscrever segundo o seu interesse. As oficinas nascem de projetos que os professores estejam desenvolvendo e queiram trazer para a escola

A oficina *Hora da História*, aqui relatada, teve uma duração de seis meses e contou com a participação de 10 crianças entre 7 e 11 anos. Nossos encontros aconteceram às terças feiras das 11 às 12 horas.

“Quando vocês escolheram esta oficina entre tantas outras, como vocês imaginaram que seria?”
“Pensei que eu iria ouvir histórias.”
–“Eu quis porque gosto de histórias.”
–“Eu gosto muito de histórias e achei que a oficina era para aprender a contar.”
–“Achei que aqui tinha muitos livros e que nós íamos lendo e cada um contava o que entendeu.”
“Eu gosto de desenhar histórias.”
“Gosto de fantoches e de montar histórias com eles.”

1. São Paulo.